

PARCERIAS INSTITUCIONAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM NOSSAS ESCOLAS PÚBLICAS

Carla Jacqueline Correa S. V. Pereira (CELS/CEUO)

Márcia Arruda Cunha Pereira (LNP/CEAL)

Suellen do Nascimento Barbosa (CIEP Mestre Cartola/EMSJB)

Mônica de Souza Coimbra (CPII /UFF)

coimbra.nit@gmail.com

O presente trabalho é um relato da experiência de professoras residentes e professora supervisora participantes do Programa de Residência Docente, recém implementado no Colégio Pedro II.

O CPII é uma instituição Federal de referência. Autarquia secular, fundada em 1837, a escola é sinônimo de bom ensino e tem inegável importância para a educação básica no Rio de Janeiro. A alta relação candidato/ vaga nos concursos de ingresso para o colégio revela o prestígio que o mesmo detém¹⁴⁵ em nosso estado. Os resultados que os alunos do CPII obtêm em exames nacionais colocam em pauta a suposta má qualidade dos serviços públicos oferecidos em nosso país.¹⁴⁶ Os alunos do CPII eram, inicialmente, originários da elite política e intelectual de nosso país. Ao longo dos anos, a escola foi acolhendo representantes das mais diversas classes do Rio de Janeiro. Hoje, o colégio, cujo público-alvo é bem diversificado, visa a formação integral de alunos de todas as classes sociais.¹⁴⁷

Recentemente, o colégio vem passando por uma série de mudanças, das quais gostaríamos de destacar a implantação do Programa de Re-

¹⁴⁵ [...] . Atualmente, conquistar uma vaga no Colégio Pedro II é motivo de satisfação para as famílias, pois significa ter acesso a uma escola de qualidade, "embora pública e gratuita". (CAVALIERE, 2008).

¹⁴⁶ Cavaliere (2008) escolas como o Pedro II "contradizem a desmoralização sob a qual praticamente todo o sistema público de educação básica se encontra

¹⁴⁷ [...] o CPII inicia a década de oitenta com alguns planos de ação para recuperar o alto contingente de alunos, devolver o entusiasmo aos professores e, como resultado possível, recuperar também os investimentos que havia deixado de captar. Entre as saídas encontradas, foram abertas mais vagas à população, transformando o "colégio das elites" em um "colégio de massa", ao menos no que tange ao número de alunos. A entrada se torna mais democrática no primeiro segmento do Ensino Fundamental – são criados os "Pedrinhos" –, pois se dá através de sorteio. (SILVA, 2009)

sidência Docente. Por meio desse programa, inaugurado em 2012, o CPIO busca compartilhar experiência e conhecimento de forma a contribuir para a formação complementar de profissionais que atuam em diferentes sistemas educacionais. Com duração de um ano, o programa está voltado para professores com curso de licenciatura plena em várias disciplinas que compõem a grade curricular da educação básica no colégio. O programa, que certifica com o título de “Especialista em Docência do Ensino Básico” tem, como público-alvo, docentes oriundos das secretarias de educação municipal e estadual do Rio de Janeiro e prevê, como etapas de formação teórico-prática desses professores, participação em diferentes esferas de especialização pedagógica, tais como observação de aulas, elaboração e implementação de materiais didáticos, participação em cursos, oficinas, palestras e grupos de estudo. Também integra o programa a observação do funcionamento cotidiano de diferentes setores da instituição.

No ano de 2012 a “língua inglesa” ficou concentrada na unidade Niterói, onde estão lotadas a professora coordenadora e a professora supervisora responsáveis pelo acompanhamento de todas as atividades inerentes à disciplina.¹⁴⁸ O presente artigo se propõe a ser um relato de experiências. Aqui, as professoras residentes irão descrever como as atividades realizadas durante o programa contribuíram para o aprimoramento do trabalho que, até então, desenvolviam em suas unidades de origem, considerando-se as diferentes realidades dos contextos de atuação. A professora supervisora irá relatar suas impressões sobre como acredita que esse tipo de parceria pode contribuir com a melhoria do ensino em instituições públicas. As reflexões serão tecidas a partir do entendimento de que uma parceria interinstitucional pode oferecer subsídios para o aprimoramento do trabalho de docência em nossas escolas de educação básica. Em última instância, é nosso principal objetivo, aqui, descrever a forma como a percepção do ensino de línguas estrangeiras como instrumento de formação crítica tem orientado a produção de materiais didáticos que estão sendo produzidos pelos integrantes do programa.

Partiremos de uma breve apresentação das várias etapas do projeto. De acordo com a proposta do Programa de Residência Docente, os

¹⁴⁸ A professora coordenadora é responsável por orientar o trabalho geral das disciplinas *Língua Inglesa* e *Língua Espanhola*. A professora supervisora responsabiliza-se pelo trabalho mais direto de formação docente das residentes, o que, no caso da disciplina “Inglês”, acontece exclusivamente na unidade Niterói.

participantes possuem uma carga horária total de 500 horas durante o ano letivo para o desenvolvimento de atividades no CPII, em seu contexto educacional ou em atividades à distância. Estas atividades são divididas em três áreas distintas, a saber: atividades em setores administrativo-pedagógicos, atividades na área de formação continuada e atividades em docência.

O programa exige que o participante atue em atividades dos setores administrativo-pedagógicos ou de atividades escolares do CPII, ao que são atribuídos 10% da carga horária total do programa (50h). Fazem parte deste contexto observações da atuação do SESOP, atividades acadêmicas na biblioteca escolar e/ou secretaria, colaboração na organização de atividades e participação de atividades extraclasse e/ou eventos culturais.

Além disso, visando a importância o aprimoramento dos professores, o Programa de Residência Docente propõe que as atividades de formação continuada correspondam a 25% de sua carga horária total (125h). A formação continuada dos professores tem sido tema de diversas pesquisas no contexto educacional brasileiro e o assunto tem sido discutido por vários autores, como Celani (2003), que, em relação ao professor de língua estrangeira, destaca que este não deve ser um “robô orgânico”, atuando como um mero reproduzidor de técnicas prontas, mas que deve agir como “um ser humano independente”, com seu “estilo característico de pensar”. A autora ressalta, ainda, que este profissional deve estar “em um processo de educação permanente” e que deve ser “reflexivo e crítico”. Entre as atividades obrigatórias de formação continuada, cabe ao professor residente participar de oficinas e minicursos oferecidos. No primeiro semestre do ano letivo de 2012 foram oferecidas três oficinas ministradas pelos professores do Colégio Pedro II que estão diretamente envolvidos no programa, a saber: *O Professor Reflexivo* (obrigatória a todos os participantes); *Ensino de Leitura no CPII*, segundo as metodologias das disciplinas de inglês, espanhol, português e história e *Produção de Textos e Avaliação*. Essas oficinas são oferecidas ao longo do ano letivo e o residente deve cumprir um total de 5 (cinco) delas durante o período de residência. Ainda integram a categoria de “atividades de formação continuada”, as participações em congressos, seminários e cursos de curta duração. Ao final do programa, os professores residentes deverão apresentar um “Memorial Circunstanciado”, que será caracterizado por uma relato de sua trajetória no programa, com foco nas atividades

desenvolvidas, reflexões acerca da experiência adquirida, contribuições para o seu crescimento profissional e para sua prática pedagógica.

Por fim, as atividades na área de docência, que possuem a maior carga horária, são compostas por 65% (325h) do total do programa. O professor residente tem a atribuição de observar aulas, reger aulas supervisionadas, elaborar material didático e participar de encontros com o professor-supervisor. Esses encontros têm o intuito de promover uma reflexão sobre o fazer docente com vistas a discutir as ações a serem implementadas em sala de aula e a participação em projetos e atividades complementares. Além disso, o residente deverá transportar as atividades desenvolvidas no CPII – com as devidas adaptações à realidade de cada contexto educacional – para sua instituição de origem.

Para que o leitor possa melhor compreender a proposta que o programa em questão apresenta para a disciplina *língua inglesa* é preciso conhecer, ainda que brevemente, a própria proposta para o ensino da disciplina no CPII, explicitada no projeto político-pedagógico da instituição.¹⁴⁹

Na seção que se destina ao Departamento de Línguas Anglo-Germânicas está posta a opção por priorizar o ensino da habilidade de leitura nas aulas de inglês do CPII. Na visão desse departamento – em consonância com a proposta dos PCN – ler, além de ser uma atividade pessoal e particular, é uma prática social que pressupõe a interação entre leitor-texto-escriptor, situados social, política, cultural e historicamente na construção social do significado. Essa visão para o ensino de línguas fica evidente no trecho a seguir, destacado da versão original do documento:

pretende-se ir além do ensino das estruturas linguísticas e do vocabulário: pretende-se colaborar para a construção de uma visão real sobre a cultura e a vida nos diversos países em que a língua inglesa é falada, contribuindo, assim, para a formação geral do educando e sua visão crítica da sociedade. Como expresso nos PCN, queremos que nosso aluno possa compreender como

¹⁴⁹ O *Projeto Político Pedagógico do Colégio*, "PPP", como é popularmente conhecido –, possui quatrocentas páginas organizadas da seguinte forma: Lista de Ilustrações (p. 15-17); Apresentação (p. 21); Introdução (p. 25); 1) Histórico – Escola: espaço de memória (p. 29-30); 2) Caracterização: Escola: espaços de diferenças (p. 33-39); 3) Análise da Realidade: - Escola: espaço de contradições (p. 43-62); 4) Fundamentos do Projeto – Escola: espaço de cidadania (p. 65-78); 5) Proposta Curricular: Escola: espaço de conhecimento (p. 73-357); 6) Estrutura Curricular – Escola: espaço de organização (p. 361- 368; 371-378); 7) Avaliação – Escola: espaço de inclusão (p. 381-387); Equipe Técnica, Administrativa e Pedagógica do Colégio Pedro II (p. 389-400). (SILVA, 2009). [Na versão disponível na Internet, tem 624 páginas].

os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz, assim contribuindo para sua formação como cidadão.

É a visão de ensino de línguas estrangeiras como ferramenta que permite o acesso aos diferentes discursos presentes em um mundo globalizado que orienta o trabalho de residência docente, por meio do qual se pretende sensibilizar os residentes acerca da importância do investimento na formação crítica de nossos alunos. Na opinião da professora supervisora da disciplina *Inglês*, o programa, que está ainda em fase de implementação, surgiu como uma oportunidade de problematizar o ensino de línguas estrangeiras na escola pública. Segundo essa mesma professora, o ensino de LE nas escolas tem sido objeto de constante preocupação pois

Infelizmente, a LE é cercada de descrédito por parte dos alunos e, também, de muitos professores que se sentem impossibilitados de realizar um trabalho satisfatório. O programa surgiu como uma excelente oportunidade de socializar o trabalho que vem sendo realizado no CPEI e que tem se mostrado bem sucedido.

As professoras residentes declaram ter encontrado, no programa, a possibilidade de rever algumas de suas práticas, já bastante cristalizadas em função das inúmeras restrições que seus precários contextos de atuação lhes impõem, como se constata a seguir:

Já com duas matrículas públicas como professora, a cada ano que passa noto mais dificuldades para exercer bem a profissão. Posso pontuar vários fatores que me desmotivam: a falta de recursos públicos, (em uma de minhas escolas nem sala de vídeo há), falta de incentivo, falta de motivação, falta de interesse dos alunos, salário baixo, enfim, inúmeros motivos que levam os professores, como eu a desistir de tentar melhorar em suas salas de aula. Simplesmente desistem... não há como competir com tantos fatores que puxam a educação pública para baixo. (Relato da Profa. Carla)

O quadro atual do ensino de LE, traçado pelo depoimento acima se deve, em grande parte, ao fato de que, por muito tempo, insistiu-se de forma infrutífera, no ensino da língua tal como ele acontecia nos cursos. Hoje, já é reconhecido que, no contexto geral das escolas públicas brasileiras, não se sustenta o trabalho focado nas quatro habilidades linguísticas: ler, ouvir, falar e escrever. A tentativa de ensinar todas as habilidades em situações nada favoráveis era frequentemente fadada ao fracasso. O reconhecimento de que algumas situações de ensino requerem um trabalho diferenciado daquele realizado nos cursos de língua fica evidente no depoimento de outra professora que integra o programa:

A maior parte da minha experiência docente provém de curso de idiomas e, somente há um ano, quando fui empossada na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, comecei a enfrentar a realidade de uma sala de aula

de escola pública. Nos cursos livres nós, professores, somos orientados a não fazer uso da língua materna, para que o aluno tenha o maior contato possível com a língua-alvo. Quando comecei a atuar em escola, sentia-me frustrada por não conseguir fazer com que meus alunos compreendessem as atividades propostas em língua inglesa, pensava que só assim eles conseguiriam aprender a língua estrangeira. Essa crença começou a ser desconstruída a partir das observações das aulas de língua inglesa no CPII, pois percebi como a professora supervisora conseguia trabalhar os textos em inglês com questões em língua materna e observei como os alunos demonstravam interesse pelos assuntos abordados (em geral, aulas sobre textos que tratavam de tema de relevância social). Foi ali que entendi que o as quatro habilidades não precisam, necessariamente, vir juntas no ensino da língua estrangeira. Concluí que, dependendo de qual seja o objetivo a ser atingido, uma ou mais habilidades podem estar em foco em detrimento das outras. Entendi que trabalhar com propósitos específicos é uma boa forma de ensinar uma língua estrangeira sem que seja necessário fazer pleno uso de todas as habilidades. (Relato da Profa. Suellen)

A perspectiva do ensino de LE para fins específicos, com destaque para a habilidade de leitura, é, então, o eixo norteador do trabalho realizado pelo departamento de línguas anglo-germânicas do CPII. Sob essa perspectiva os professores construíram as bases de um trabalho sólido focado leitura, habilidade que elegeram para orientar sua atividade pedagógica.¹⁵⁰

Por entender que os materiais didáticos que estão no mercado não dão conta das especificidades que orientam o trabalho no CPII, a equipe de professores de língua inglesa do colégio faz da produção de material didático uma prática constante. Invariavelmente, são realizadas reuniões pedagógicas que têm como objetivo traçar as diretrizes para a construção e/ou revisão de materiais utilizados no CPII. Essa prática tem sido o principal eixo do trabalho que a professora supervisora do programa vem desenvolvendo com as professoras residentes. A partir da leitura de textos teóricos e da observação e aulas ministradas pela própria professora, as residentes elaboram materiais didático que, em um momento de culminância, são pilotados nas salas de sala de aula do CPII.¹⁵¹ A experiência tem se mostrado bastante gratificante para o grupo e, já neste primei-

¹⁵⁰ Os PCN apontam para a leitura como primeiro foco do ensino de língua estrangeira. Moita Lopes (1996, p. 51) defende que o ensino focado na leitura em LE proporciona aos aprendizes a continuação do aprendizado em seu próprio meio, aumentando seus limites conceituais e melhorando, também, sua capacidade de ler em língua materna.

¹⁵¹ É importante ressaltar que o processo é supervisionado em todas as etapas que o constituem, desde o momento de seleção do texto a ser abordado até a observação das aulas ministradas pela professora residente.

ro momento do ano de 2012, gerou ótimos frutos. Nas aulas ministradas pode-se observar que as residentes colocaram em prática as diretrizes do trabalho realizado na escola, como revela o depoimento a seguir:

O grande desafio da primeira aula foi a escolha do texto para preparação do material. A professora-supervisora já havia informado que o tema a ser abordado seria o da unidade que vinha trabalhando na turma (crime/ punição) e escolher um texto que pudesse despertar o interesse de uma turma de terceiro ano do ensino médio foi trabalhoso. Acabei optando por um texto que abordava a situação da violência contra a mulher na Índia e pude, a partir dele, fazer uma atividade de letramento crítico que explorava, também, os aspectos gramaticais. Nas reuniões semanais que realizamos, já havíamos discutido sobre a preparação de material de leitura, sobre as técnicas utilizadas e como os professores do CPII trabalham os textos em suas turmas. Submeti o material à avaliação da professora-supervisora, o que resultou em uma troca significativa, pois me auxiliou com algumas sugestões de aprimoramento. Após sua aprovação, comecei a preparação da aula baseada no material didático que fora confeccionado. Fiquei insegura para ministrar a primeira aula, pois não sabia qual seria a recepção dos alunos diante de uma outra professora, pois o programa de residência também é uma novidade para eles. Tentei, ao máximo, manter a atenção deles focada na atividade, promovendo um momento de reflexão a respeito do assunto abordado no texto, o que resultou em uma participação satisfatória da turma durante a aula. (Relato da Profa. Suellen)

Na fala acima está caracterizada a percepção de que a habilidade de leitura orientou o trabalho de confecção de material didático da professora residente, aos moldes do trabalho de Língua Inglesa no CPII, que encontra suporte na visão de Moita Lopes (2003, p. 45), para quem

aprender uma língua estrangeira é aprender a se envolver nos embates discursivos que os discursos a que somos expostos em tal língua possibilitam, o que é igual a saber que estamos discursivamente posicionados de certos modos e que podemos alterar esses modos, para construir mundos sociais melhores ou outros significados sobre quem somos na vida social, de maneira a alterar os significados que nos excluem como também aqueles que excluem os outros.

Partindo do pressuposto de que o “produto” do trabalho com a leitura nas salas de aula é levado pelos alunos para sua vida fora da escola e que, a leitura pode, além de inserir o aluno no mercado de trabalho, propiciar-lhe a compreensão do mundo, pensamos que não há meios de o professor de LE não oferecer a seus alunos as ferramentas para a atividade de leitura reflexiva. Essa orientação, que norteia o trabalho de residência docente em língua inglesa começa a gerar frutos, como se pode observar na fala a seguir:

Para começar, gostaria de ressaltar que, em toda a minha vida profissional, nunca tive oportunidade de realizar a atividade de confecção de material didático com a ajuda de uma supervisora, o que no final, se tornou extremamente enriquecedor. Sempre preparei minhas atividades didáticas a partir de

um material já pronto, encontrado em vários livros didáticos. Ao iniciar a preparação da atividade de confecção de material, senti certa insegurança para escolher o texto a ser trabalhado em minha aula. Escolhido o texto, (sinopse de um filme sobre crime sexual e homicídio), veio a maior dificuldade: elaborar o exercício de interpretação reflexiva. As questões precisavam ser bem redigidas e interessantes para o aluno e precisavam, principalmente, levá-lo a pensar criticamente sobre o assunto do texto. A preparação da aula foi muito trabalhosa, pois há muito tempo não fazia algo assim. Por isso, as intervenções feitas pela professora supervisora foram muito importantes para o enriquecimento da aula. Gostei muito dessa etapa, pois me senti extremamente motivada a pesquisar e elaborar estratégias para trabalhar com o texto. A experiência prática na turma foi excelente. Apesar do nervosismo, ao começar a aula, fui me sentindo mais à vontade e mais confiante no trabalho com o texto, conseguindo realizar relativamente bem tudo aquilo que havia sido planejado com a professora supervisora. O que também ajudou muito durante a aula foi a participação efetiva da turma, mostrando seu conhecimento de língua inglesa e, mais do que isso, seu conhecimento de mundo. A participação foi muito positiva para o desenvolvimento de minha aula pois essa realidade não é comumente encontrada na minha prática docente nas escolas estaduais onde trabalho. (Relato da Profa.. Márcia)

Espera-se, por meio do programa, alcançar a transferência dessas práticas para os diferentes contextos de atuação das professoras residentes, resguardando-se, naturalmente, suas especificidades e, como podemos também verificar no seguinte depoimento, o trabalho já vem oportunizando novas formas de atuação que enriquecem o fazer pedagógico.

Na minha prática de sala de aula, usei os conhecimentos adquiridos dessa primeira experiência no CPII para aplicar à minha realidade profissional. Como atuo somente com o primeiro segmento do ensino fundamental na rede municipal do Rio de Janeiro, necessitei fazer as adaptações necessárias a esse contexto. O material didático teve que ser adaptado à faixa etária de cada turma. Em uma delas, trabalhei criticamente o tema “diversidade cultural” integrando os conhecimentos do conteúdo de língua inglesa, o que proporcionou uma aula mais interessante e com maior participação dos alunos. (Relato da Profa.. Suellen)

Conclusão

Ao descrever o Programa de Residência Docente quisemos, aqui, propor uma reflexão sobre a forma como a troca de experiências docentes em diferentes contextos educacionais está promovendo um intercâmbio de ações a partir das quais surgem diversas possibilidades de aprimoramento. O otimismo com que uma das professoras residentes tem tratado o programa – observado no relato a seguir – é prova incontestável de seu sucesso:

Após o início do Programa de Residência Docente, constatei com as oficinas “O Professor Reflexivo” e “Oficina de Redação”, e com a observação de aulas no CPI – unidade Niterói e reuniões com a professora coordenadora e a professora supervisora, o quanto estava estagnada em minha rotina docente. Percebi que é possível mudar. Aliás, impossível não querer fazê-lo após a experiência deste curso. Aprendi a gastar um pouco mais de tempo na elaboração das aulas visando um resultado melhor a cada dia que passa. Uso mais e melhor o trabalho de compreensão de texto. Isso me aproximou de minhas turmas. O curso tem me proporcionado momentos maravilhosos, de oficinas, palestras e observação de aulas, que nada mais são do que trocas de experiências, avanços e tropeços, de professores, decididos a fazer a diferença na vida de seus alunos e em suas próprias vidas. (Relato da Profa. Carla)

Acreditando que o que faz com que os profissionais de educação sejam bem sucedidos vai para muito além do conhecimento dos conteúdos específicos de sua disciplina, pensamos ser fundamental a construção de um acervo de saberes – fruto de observações e interações reflexivas – que provém da formação contínua. Cremos que se deva apostar no estímulo ao trabalho diferenciado e na postura reflexiva como instrumentos de renovação e, naturalmente, na formação de alunos capazes de ler o que está para além da escrita. Entendemos as parcerias interinstitucionais como um excelente recurso para que se possa oportunizar a reciclagem de profissionais que, por sua vez, podem vir a atuar como multiplicadores de práticas pedagógicas de renovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALIERE, Ana Maria. O Colégio Pedro II encontra o século XXI. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n6/numero6-1_o_colegio_pedro_ii_encontra_o_seculo_xxi.pdf> . Acesso em: 25-08-2012

CELANI, Maria Atonieta; COLLINS, Heloisa. Formação contínua de professores em contexto presencial e a distância: Respondendo aos desafios. In: BARBARA, Leila; GUERRA RAMOS, Rosinha de Castro. (Orgs.). *Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A nova ordem mundial, os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: A base intelectual para uma ação política. In: BARBARA, Leila; GUERRA RA-

MOS, Rosinha de Castro. (Orgs.). *Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SILVA, Alessandra Pio. Divisão de tarefas no Colégio Pedro II: Uma questão de gênero? Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.itaporanga.net/genero/gt7/7.pdf>>. Acesso em: 23-08-2012.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Pedro II. Disponível em: <<http://www.colegiopedroii.onlink.com.br/docs/ppp/ProjetoPoliticoPedagogico.pdf>>. Acesso em: 29-08-2012.